

1º Ato

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA.

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE, CHAMANDO REPETIDAMENTE.

Solano - (depois de tres ou quatro chamadas) Eu sou completamente avêssô a brigas e confusões. Adoro a paz! Mas... decididamente, ainda vou ter que acabar na delegacia do distrito, dando parte dessas crianças da vizinhança. Não é possível alguém tolerar uma coisa destas. Há quinze minutos que tocam a campainha da porta. Eu me levanto... vou atender... não é ninguém. Voltou ao meu lugar, sento-me, eles batem de novo e se escondem. Isto é um inferno! Há ^{quasi} ~~uma~~ meia hora que eles estão nesta brincadeira de mau gosto.

Altamira - (afastada, gritando, furiosa) Você não está ouvindo a campainha do seu telefone, batendo há mais de uma hora, Solano? O que é que você está fazendo que não atende?

Solano - (projetando) Não é ninguém, Altamira. São as crianças da vizinhança, brincando na campainha da porta.

Altamira - (afastada, gritando) Campainha da porta coisa nenhuma, seu banana grande. Você não está vendo logo que é a campainha do telefone, seu bastaque. Atenda dum vez, ande.

Solano - (projetando) Está bem, Altamira, eu vou fazer a sua vontade, vou até abrir mais uma vez, mas já vou sabendo que não vou encontrar ninguém.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE. CESSA O TELEFONE.

Solano - (2º plano) Eu não disse? Eu sabia. Os marotos batem e se escondem. Há mais de meia hora que eles estão fazendo isto.

CONTRA REGRA - PORTA QUE FECHA. O TELEFONE RECOMEÇA AS CHAMADAS.

Solano - (vindo a 1º plano) E mal eu fecho a porta elas tornam a bater. Ó. Elles querem é que eu faça movimento, mas agora elles podem bater a vida toda porque eu não quero mais nem que a Altamira se rague.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA, RÁPIDOS SE APROXIMAM.

Laura - (nervosa e irritada) Meu Deus, papai, que coisa horrível! Que é que o senhor faz que não manda essa porcaria que chega a deixar a gente nervosa de tanto tocar...

CONTRA REGRA - RUIDO DE ENVANTAR PONE DO GANCHO.

Laura - Alô! Quem fala? (Pausa) Ah, é você, Claudionor? (Pausa) Não, não, foi o engraxadinho do papai que resolveu simplesmente deixar o telefone tocar e não atender.

Solano - (a parte) Ah, era o telefone!... Por isso que eu ia lá, abria a porta e não achava ninguém. Eu estou cada vez mais distraído.

Laura - (ao telefone) Não, não, qual nada. Fôz ainda nem estanco proctas. (Pausa) O que?! Uma hora mais?! Não, não, também não é preciso tanto. Aí só me falta trocar os sapatos, pegar a bolsa e as luvas. (Pausa) A não? Ah, bem, a mãe tem que tirar os papalotes, pentear os cabelos e botar o chapéu. (Pausa) Bem, isso tudo... é você tem razão, sim. Eu

menos de uma hora ela não estará pronta.

Solano - (2º plano) Uma hora só? Para tirar os papéotes, se pentear e botar o chapéu? Então você não conhece a sua mãe, Laura. Bote duas horas e olhe lá.

Laura - (riscada) Pare com essas tolices, sim papai? (transição rápida) Não, não, meu bem, não foi com você que eu falei. Era o papai que estava aqui a fazer umas gracinhas tolas e eu me aborreci com ele. (Pausa) Não, não, que esperança! (Pausa) Está muito bem, quando mãe estiver pronta eu telefono para você. (Pausa) Está bem. Até logo, meu bem.

CONTRA NEGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE. PASSOS DE MULHER SE AFASTAM POUCO.

Solano - (para 2º plano) [redacted] que vocês vão? Posso ao menos saber?

Laura - (2º plano) A uma [redacted] litero-musical, organizada pela consuleza do Mexico. Por que?

Solano - Eu não posso ir com vocês?

Laura - (2º p.) Ah, não sei. Isso é lá com a mãe. Ela é quem resolve.

Altamira - (afastada, gritando) Laurita, minha filha, você não vem me ajudar a tirar estes papéotes? Eu estou atropalhadíssima!

Laura - (afastada e projetando para mais longe) Já vou, mãe, já vou.

CONTRA NEGRA - PASSOS QUE COMEÇAM APASTADOS E SE AFASTAM MAIS ATÉ DESAPARECER.

Solano - (sósinho) Essa mania da Altamira de se infiltrar no meio dessa gente granfina, já está se tornando uma verdadeira obsessão. Ela não pensa noutra coisa que não seja a reunião na casa da dona Fulana dos Anzóis Garapuça, nos chás de esposa do Senador Coisa e Tal, no jantar organizado pela senhora do Ministro Tal e Coisa, nas reuniões de bridge no...

CONTRA NEGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMAM.

palacete de sua Excelência o senhor Embaixador da Ilha de Pintada, nas sessões de... (transição) Ah, é você, Lolita?

Lolita - Sim, titio. Vim saber se o senhor vai jantar em casa que é para mandar a cozinheira fazer qualquer coisa.

Solano - Si eu vou jantar em casa? Não sei, minha filha, ainda não falei com a Altamira. Não sei nem si vou à festa que as mães vão ou si não vou.

Lolita - Acho que o senhor não vai, não, titio. [redacted] ainda não temos licença para essas coisas. O senhor até que se corrija das suas distrações e não arrisque o bom nome da família cometendo alguma gafe imperdoável e eu... até que Laurita se case e não haja mais perigo de que eu lhe faça sombra.

Solano - Hein?!... Como foi que você disse?

Lolita - Que eu não irei a festas com minha tia e minha prima, enquanto Laurita não se casar. Tia Bernengarda foi fazer a tolice de dizer à tia Altamira que eu era mais simpática do que Laurita...

Solano - É é mesmo, ora essa! Quem não sabe?

Lolita - (continuando) Que com certeza faria sucesso na sociedade e logo se casaria... Tia Altamira ficou desesperada com a ideia de que eu pudesse passar a perna (como ela diz) na minha prima e resolveu que só depois que Laurita se casasse é que eu me apresentaria na sociedade.

- Solano - Mas isso é o cúmulo! Só mesmo uma pessoa que tenha as tripas na cabeça, como a Altamira, poderia tomar uma resolução destas.
- Lolita - Bem, titio, é que ela é alucinada pela filha e a gente precisa compreender para admitir.
- Solano - Pois é, mas a filha também é minha e eu não faço a menor distinção entre vocês. E nem poderia mesmo fazer. Si você veio para a minha casa com cinco dias apenas...
- Lolita - Bem, mas também a sua ~~maneira~~ afeição por mim tem que ser diferente da de tia Altamira, tio Solano. Nasci de uma irmã sua, temos o mesmo sangue, ao passo que ela não.
- Solano - Isso não é desculpa para o procedimento de Altamira. A gente cria uma criatura que ~~é~~ trazida à nossa porta e se afeiçoa a ela pela convivência, mesmo sem ~~ver~~ de onde ela veio, ~~quantitativa~~ quanto mais sabendo e conhecendo a origem da ~~seu~~ criança. É que a Altamira tem mesmo a caixa do pensamento amassada e faz as coisas como entende, sem
- Lolita - (corta) Cuidado, tio, pelo amor de Deus! Não fale assim tão alto que ela pode escutar lá do quarto e aí o senhor já sabe o que nos aconteceu.
- Solano - (baixando o tom) Diabo! Não é que eu me esqueci que ela ainda estava em casa?
- Lolita - Deus nos livre que ela escute qualquer alusão ao seu procedimento; a casa vem toda a baixo. Não fica uma parede de pé.
- Solano - (depois de pensar, ainda em meio tom) Mas então ela não quer que você se apresente em sociedade antes que Laurita tenha casado?
- Lolita - É, sim. E foi ela mesma quem me disse. É lógico que não disse claramente o motivo, mas eu compreendi logo.
- Solano - E qual foi a alegação que ela fez?
- Lolita - A das despesas com as toilettes.
- Solano - Tolices! Graças a Deus eu posso dar as mesmas coisas para as suas, sem que isto me pese.
- Lolita - Eu sei, titio e ela também sabe. Naturalmente, como eu já lhe disse, isso não foi mais do que um pretexto ~~para~~ justificar a sua exigência.
- Solano - (num suspiro) É, minha filha, o ruim ~~de~~ isso foi eu não ter sabido impor a minha vontade desde os primeiros dias do casamento. Ela tomou as rédeas nos dentes e agora eu já não tenho mais ebergia para contê-la. (Pausa e Tom) É uma tolice muito grande o que ela está fazendo. E sem razão alguma. Afinal... Laurita já está noiva... ~~em~~ ~~se~~ ~~se-~~ dentro de seis meses...
- Lolita - Mas a questão é que o senhor sabe, como eu também sei, que nem Laurita gosta muito de Claudionor e nem Claudionor é o genro que tia Altamira havia sonhado. Daí...
- Solano - (corta) Mas então por que consentiu que a filha tratasse casamento com ele?
- Lolita - Bem, porque se falta de outro ele não chega a ser um pretendente que se possa desprezar. Pertence a uma família de estirpe que, embora sem recursos financeiros, é aceita e recebida por toda a sociedade elegante. Não deixa de ser uma porta de acesso para tia Altamira ingressar

ser no meio que ela tanto ambiciona. Como aconteceu, realmente. O senhor bem viu que desde que Laurita tratou casamento que tia Altamira abandonou completamente as suas amizades antigas para só frequentar as rodas mais finas e aristocráticas da cidade.

Solano - E êle? Casará com minha filha somente por saber que eu tenho dinheiro?

Lolita - (vaga tristeza) Não sei, titio! Pode-se lá saber o que anda no coração dos outros? Às vezes não sabemos nem o que se passa no nosso próprio coração... Ele talvez goste dela. Laurita é interessante... inteligente... veste-se muito bem... é graciosa...

Solano - Sim, sim, tudo isto eu sei, mas também é geniosa e interesseira como a mãe dela. E quando se trata de isto... chega a tor para o rapaz, você sabe?

Lolita - Pode ser que ele tenha tempo de conhecer melhor a noiva e desista do casamento.

Solano - Mas se ela quiser mesmo casar com ele... por mais que dure o noivado ele só chegará a conhecê-la verdadeiramente no dia seguinte do casamento. A mãe fez assim comigo e ela é igualzinha à mãe.

Lolita - Bem, mas se ele quiser casar com ela apenas por interesse, o temperamento que ela está escondendo não deixará de ser um justo castigo para a ambição dele.

Solano - Pois é, mas é eu que não merecia esse castigo e o recebi? Cassei por grande amor com uma pingada e ela me saiu uma grande respingada.

Lolita - É... são dessas coisas que acontecem e que a gente não sabe porque.

Solano - (depois de pausa) Eu preciso dar um jeito de saber se esse rapaz tem interesse no meu dinheiro. Não sei que jeito há de ser mas hei de dar. E se eu souber que realmente é o interesse que o prende à minha filha, pela primeira vez na minha vida vou ter que parar patrulha com a minha mulher.

Lolita - Ih, titio, nesse dia o senhor me avise que eu vou fugir para a casa da tia Hermengarda.

Laurita - (afastada) Posso avisar o Claudionor que ela vai, mãe?

Lolita - (baixo) Cuidado, titio. Não fale mais coisas dessas vêm aí.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM.

Laurita - (vindo e projetando como quem fala para trás) Não vá se esquecer das luvas, mãe. Da última vez que saímos, tivemos que voltar da porta traseira do caminho por causa disto. (Já perto, tom seco) Olá.

Lolita - (arazel) Hum-hum, como ela está bonita!

Laurita - (seco, mas sem ser bruto) Não tenho mais tempo para ouvir elogios. Estamos atrasadíssimas. Mãe levou mais de uma hora para tirar os papéis lotes e arrumar os cabelos. "Ninguém" foi capaz de ir ajudá-la. E ninguém teve que fazer isto.

Lolita - Eu se ofereci para ajudá-la, Laurita, titia é que não aceitou.

Laurita - Pois é, e depois eu que me estranjo a cuidar de mim e dela ao mesmo tempo.

CONTRA REGRA - DISCA CINCO NÚMEROS DE TELEFONE E LEVANTA O FONE DO GABINETE.

Laurita - (na pausa de espera vai falando e se enervando até ficar furiosa)

Laurita - Depois essas modistas não incoerência! Cobram uma fortuna pelo feitiço dos vestidos e a gente tem que ir para uma festa que parece uma caçada de elfinetas. (TOM) Esse maldito telefone não atende. Chama, chama, chama e ninguém atende. Eu fico tão indignada que tenho vontade de rebentar essa porcaria.

Solano - Mas si está chamando e ninguém atende, a culpa não é do telefone, minha filha. É que com certeza não tem ninguém do outro lado.

Laurita - (indignada) Como não tem ninguém? Tem que ter. Pois si eu disse ao Claudionor que esperasse em casa o meu telefonema...

Solano - Mas você demoraram demais, minha filha. Com certeza ele cansou de esperar e foi...

Laurita - (corta, furiosa) ...cansou de esperar? Não tinha nada que censar. Ele é meu noivo ou não? Pois então tinha obrigação de esperar o tempo que fosse preciso, pronto. E tem mais: esperar sem reclamar. Sim, porque comigo eu não admito reclamações. Teria muita graça! (transição rápida) Han? (voz malíflua) Alô, querido, é você? (Pausa) Como demorou a atender, bemzinho. (Pausa) Foi buscar cigarros, né? (Pausa) Eu sei, sim. Estou brincando, querido. Foi justamente o que eu calculei. Eu estava até dizendo ao papizinho isto mesmo: garanti que o meu amor foi ao bar da esquina comprar cigarros por isso não está atendendo, mas não faz mal, eu espero com paciência até que ele volte.

Solano - (peio tom) Deus que a perdõe! É a mãe, igualzinha, sem tirar nem por.

Laurita - Estance pronta, querido, quando você quiser vir... (Pausa) Está bem, meu amor, até já, então.

CONTRA REGRA - DESLIGAR TELEFONE.

Laurita - (projetando) O moleirão disse que vem em seguida, também. Vej. se ficou bem pronta para não demorarmos ainda mais. (transição) Que cara é essa pra mim? Nunca me viu? Por que está me olhando dessa maneira?

Solano - É o seu vestido que está me chamando a atenção. Usa-se essa cor, minha filha? (mostrar na pergunta não gostar da cor)

Laurita - (acastada) Óra que pergunta, papai... Esta é uma cor de quadra.

Solano - Eu não entendo disto, minha filha. Perguntando si se usa.

Lolita - Usa-se, sim, civio. O amarelo é o u... grito da moda.

Solano - Grito de desespero, com certeza.

Laurita - (furiosa, ridicularizando o pai) Engraçadinho! Que espirituoso que ele é. ~~intrinsecamente~~ (ri, forçando exageradamente o riso) Ah, ah, ah, ah, ah, ah... Não se faça vir tanto que eu vou chegar cansada na festa. (tom) Bobalhão grande. Grande, velho e tão palhaço.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM.

Solano - Desculpe, minha filha, eu né entendo destas coisas... Não se leve a mal.

Laurita - Então o senhor acha que eu me apresentaria numa festa cheia com um vestido que não fosse a última palavra?

Altamira - Eu estou pronta, minha filha. Quero só que se abotões a luva. (TOM) Que é que estava dizendo quando eu cheguei?

Laurita - Eu estava explicando ao papai que é moderna a cor do meu vestido. Ele parece que não gostou muito.

Altamira - E você ainda vai atrás do que seu pai possa pensar ou dizer? Seu pai não entende absolutamente nada de modas. Nem de modas nem de coisas nenhuma. Além disso, você sabe que ele é daqueles que faz questão absoluta de estar sempre contra a opinião dos demais. Se todos se inclinam para um lado, pode estar certa que ele, automaticamente, vai para o lado contrário. É um opositor sistemático. Até parece certos políticos que passaram a vida inteira gritando contra tudo que os outros fizeram e no entanto eles nunca fizeram outra coisa senão gritar.

Laurita - É o caso do homem [redacted] aquele que desembarcou numa ilha deserta e ao encontrar por [redacted] outro camarada perguntou-lhe em seguida: Hay go bierno acá? Yo soy [redacted].

Lolita - Que horror, Laurita! Eu não acho que titio seja assim.

Altamira - Ah, mas você nunca acha que nós tenhamos razão. Está sempre e incondicionalmente do lado de seu tio. Os defeitos que nós achamos nele, nós é que os temos.

Lolita - Eu nunca disse isso, titia.

Altamira - Bem, você nunca se atreveu a dizer, realmente, mas pensar... não tem conta as vezes que há de ter pensado.

OPERADOR - BUSINA INSISTENTE DE AUTOMÓVEL BEM APASTADO.

Laurita - Olha, mãe, o Claudionor está businando lá em baixo. Vamos depressa que estamos atrasadíssimas.

Altamira - Vamos, sim. Bem, até logo para vocês. Atenda o seu tio, Lolita.

Lolita - Sim, titia, esteja descansada. E divirta-se.

CONTRA NEGRA - PASSOS DE DUAS MULHERES QUE SE APASTAM LIGEIRAS MAS LOGO PARAM.

Solano - (projetando) Um momento, Altamira. Você não acha que eu também poderia ir a essa festa com vocês?

Altamira - Agora? (2º plano) Agora? Quando já estamos na hora de sair? Era só o que faltava que ainda fossemos esperar por você.

Solano - Mas vocês não precisam esperar. Eu tenho o meu próprio automóvel e vou depois sozinho. Encontro vocês lá.

Altamira - Ah não. De maneira nenhuma. Isso é contra todas as normas do bom tom. E mesmo você ainda não está suficientemente preparado para ambientes de luxo e de requintes. Melhorou um pouco depois que se casou mas no fundo não deixa de ser o mesmo caseiro grosso que sempre foi. Fique em casa fazendo companhia à sua mimosa sobrinha. Tchau.

CONTRA NEGRA - SEQUEM DE PASSOS DA ALTURA ONDE PARAM E SEQUEM.

Solano - Veja só! Quase curti ele falar fica pensando que ela nasceu em barco de ouro e no entanto eu fui encontrá-la num barracão ao fundo de um depósito de garrafas vazias. Não fosse o meu trabalho e o meu dinheiro eu queria ver se ela estaria hoje frequentando as rodas que frequenta.

Lolita - A vida tem dessas coisas, titio. Não se aborreça por isto. Diga-me se quer jantar em casa que eu vou num instante preparar qualquer coisa para o senhor.

Solano - Não. Eu vou jantar fora só pelo desafio dela. E digo mais: vou arranjar qualquer festa para ir esta noite.

Bolita - Titio!

Solano - É claro. Então a minha mulher vai para uma festa e eu vou ficar em casa de braços cruzados como um idiota? Não e não. Vou aproveitar estas horas de liberdade e vou me divertir também. Hoje eu vou até dançar. Ah, danço. Hoje eu danço. Nem que seja lá no tal de frango, hoje eu hei de dançar.

Bolita - Nem que seja onde, titio? No frango, o senhor disse?! Que é isso?

Solano - Frango, minha filha, é uma casa de diversões que existe por aí.

Bolita - Casa de diversões com o nome de frango?! Que coisa mais exqu岸ita!

Solano - Bom, quer dizer... eu também não tenho bem a certeza de que seja frango, mas se não for frango eu tenho um plano ou coisa parecida. Bem, mas o nome não interessa, o que interessa é que eu encontre por lá algumas franguinhas que queiram se divertir comigo. E aí, viva a farra!... Viva a liberdade! Abaixo a Altamira!... Abaixo a ditadora!...

Bolita - (rindo com vontade) Pura, titio! Se tia Altamira soubesse o que o senhor está dizendo!...

Solano - (assustado) Nem fala. Nem fala, minha filha...

Bolita - Quem ia para baixo era o Senhor!... (ri com vontade)

OPERADOR - CONTINA MUSICAL PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO.

2ª A T O

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O 2º ATO.

Claudionor - Boa tarde, seu Solano.

Solano - (Polido) Boa tarde.

Claudionor - Então, o que é que há?

Solano - O que é que há, pergunto eu. Você saiu com a sua noiva e a sua futura sogra e volta sozinho...

Claudionor - É que nós já vínhamos de volta para casa, quando passamos no Instituto e elas se lembraram de que tinham hora marcada para fazer unhas. Então entraram e eu vim esperá-las aqui.

Solano - Aquelas duas nunca sabem bem a quantas horas. Por que não vieram com você e não deixaram as unhas para amanhã?

Claudionor - Mas é que esta noite nós temos um jantar em casa de Madame Weirner e elas acharam que estavam com as unhas precisando.

Solano - Você desculpa a minha franqueza, Claudionor, mas nunca vi quem vá mais a festas do que o trio maravilhoso Altamira, Laurita, Claudionor.

Claudionor - Mas é uma das poucas coisas agradáveis da vida, seu Solano. E a vida, por sua vez, é tão curta que não devemos deixar de aproveitá-la ao máximo.

Solano - Esta bem. Até certo ponto eu concordo com você, mas a verdade é que também há coisas sérias que não devem ser desprezadas pelas agradáveis. O trabalho, por exemplo.

Claudionor - A mulher que trabalha muito gosta depressa a suas peças e se inutiliza, seu Solano.

Solano - Mas o que não trabalha nunca, mais depressa ainda se enferruja e se inutiliza também.

Claudionor - Bem, mas eu não estou neste caso, me parece... Trabalho pouco, é verdade, mas trabalho. Pago ajudantes e poupo-me. Não teria graça alguma pagá-los e ainda por cima fazer o serviço.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA.

Lolita - (vindo) Titio, o senhor acha que tia Altamira e Laurita virão jantar em casa... (corta, transição) Oh, desculpe. Eu não sabia que você estava aí. Com licença que eu vou lá...

Solano - (cortando) Espere, Lolita. Que é que você ia me perguntar?

Lolita - (meio atrapalhada) Ah, sim é... eu... eu queria saber se... se tia e Laurita virão jantar...

Solano - Parece que sim... foram num Instituto de beleza e Claudionor veio esperá-las aqui... viu elas falarem alguma coisa se viriam jantar?

Claudionor - Penso que sim, a recepção está marcada para as nove horas. Acredito que elas quiseram comer alguma coisa antes. (TOM) Mas a todas estas, Lolita, você nem me deu boa tarde. Por que? Está zangada comigo?

Lolita - Não, não, absolutamente. Por que hei de estar zangada se você não me fez nada?

Claudionor - Pois olhe, não parece. Você procura estar sempre tão arredada de mim que eu chego a ter a impressão de lhe haver feito qualquer coisa inesperadamente.

Solano - Lolita é sempre assim com as pessoas com quem não tem intimidade. Eu digo que é feitiço dela.

Claudionor - Mas afinal... nós vamos ser primos... poderíamos ter mais intimidade um com o outro; não acha?

Lolita - Com licença, sim? A cozinheira está a minha espera para determinar o jantar.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE AFASTA.

Claudionor - Interessante essa menina! Viu como ela fugiu assim que vislumbrou a primeira frestinha por onde escapar? É sempre assim que ela faz.

Solano - É tímida, pobrezinha. Também... nunca sou de como... nunca conviveu com rapazes... quando se vê na presença de algum filho dela atrapalhado.

Claudionor - Eu acho que não é isso, não. Desconfio que ela tem qualquer ressentimento contra mim.

Solano - Por que? Você tem consciência de lhe ter feito alguma coisa?

Claudionor - Bem é que... Não, não, tolices. Não deve ser por isso.

Solano - Reticências e palavras cruzadas não me agradam, Claudionor. Gosto das coisas claras, sem subterfúgios.

Claudionor - Não, não... não houve nada entre nós, afianço-lhe.

Solano - Bem, então só pode ser o que eu disse a princípio: tímida; nada mais.

Claudionor - É, deve ser isto, então.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Claudionor - Já estamos atrapalhados, meu bem. A recepção está marcada para as nove e não nove e meia.

Laurita - Nunca é sempre assim. Não há jeito de se conseguir que ela esteja pronta antes da hora marcada. É sempre depois.

Solano - Ah, minha filha, exigir de Altamira pontualidade para qualquer coisa,

é o mesmo que pretender que floreçam rosas num pé de couve. Toda a vida foi assim.

Laurita - E isso que ela foi se arrumar muito antes de mim. E depois dela ter ido inde fumei um cigarro, joguei uma partida de damas com o senhor, e depois é que fui me vestir. Já estou pronta há séculos e ela ainda não.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA.

Claudionor - Pronto, ela já vem aí.

Altamira - (aproximando-se) Demora muito?

Laurita - Demorou, sim, já está atrasada.

Altamira - É que depois de o meu adereço de pérolas, achei que o de granada fazia mais bonito sobre o cinto proteado do vestido. Ora, já se vê quando o colar, teria que trocar também os brincos, a pulseira, o anel, o broche... enfim, tinha que trocar tudo. Daí a causa da demora.

Claudionor - Podemos ir?

Altamira - Claro que podemos. Por chegarmos atrasadas não perdemos, pelo contrário, não deixa de constituir um detalhe de bom tom chegarmos um pouco avancadas na hora estipulada. Um pouco, é claro, porque se nos atrasarmos muito já deixaremos de ser elegantes para estarmos cometendo uma grande gafe.

Laurita - Pois então vamos de uma vez para que isto não aconteça.

Altamira - Vamos, sim, vamos.

Claudionor - Boa noite, meu Solano.

Solano - Boa noite, divirta-se.

Laurita - (carinho a Solano) Boa noite, papaiinho.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA.

Altamira - (2º plano, projetando) Não se deite tarde, Solano. E veja se não aproveita o frio, também. Olhe a sua ânsima. Diga à Lolita que não se esqueça de lhe dar o seu remédio.

Solano - (depois que os passos somem) Hum! A minha ânsima! Como se ela se preocupasse muito com a minha saúde! E a meu também (Arremedando) "Boa noite papaiinho". Fazendo-se de cordão diante do noivo. Ah que se tá soubesses a espiga que vai levar o meu coração! Sabem que no fundo se tem uma pena dele? É um guri se fútil, mas é mau. (Pausa, refletindo) Engraçado... eu achei estranho aquele negócio... (Chamando) Lolita! Oh Lolita! Ven cá minha filha, eu quero falar contigo.

Lolita - (afastada) Já vou lá, titio. Um momentinho só.

Solano - (matutando) Deve ter havido qualquer coisa entre Lolita e Claudionor. Realmente só hoje eu me dei conta que ela tem uma atitude muito exultante na presença do rapaz. E aquelas reticências dele... deixaram uma desconfiança muito grande no meu espírito.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMA.

Solano - E vai ser exatamente como eu vou botar o prato no branco.

Lolita - Desejava alguma coisa, titio?

Solano - Desejava, sim, minha filha. Desejava dizer te que tua tia recomendou, no meu, que tá não te esquecesses do meu remédio da ânsima.

Lolita - Não me esquecerei, titio, pode estar descansado.

Solano - Claro que estou, ora essa! Se foi você quem sempre cuidou da minha saúde e nunca se esqueceu de coisa alguma... Estou repetindo as recomendações da minha mulher, apenas por ironia. Que se importa ela com a minha saúde? Nem liga se eu tomo o remédio ou deixo de tomá-lo. Faz aquilo só por encenação na frente do futuro genro.

Lolita - Quem sabe, titio? Pode ser que ela tenha sido sincera.

Solano - Olhe que você talvez tenha razão. E sabe por que? Porque a minha asma perturba-lhe o sono e ela fica desesperada por não poder dormir direito. Eu me lembro, ainda da última vez que a tive como essa mulher preguiçosa! E com toda a certeza o que ela tem é medo de não poder dormir descansada. Você precisava ver o cinismo da outra, (arrastando) "Bôa noite, boa noite!" Era um anjo falando, na presença do rapaz. Mas se ele pudesse ouvir de longe havia de se surpreender. E eu tenho raiva é de mim, você sabe?

Lolita - Por que, titio?!

Solano - Porque sou um covarde, um vencido, um velho acalcanhado e sem tutano, que não tenho a coragem de aproveitar um momento destes para desmascará-las. Dizer bem firme, de cabeça levantada e encrando de frente os olhos cinzentos e ferinos da Altamira: Que bobagem é essa, menina? Você nunca me chamou de paisinho, nunca me ligou a menor importância... sempre me falou sobranceira e com pouco caso... Era o que eu devia fazer. Arrasar todo aquele falso carinho, todo aquele interesse fingido. Toda aquela afetuosidade estudada e preconcebida. Toda aquela magnificência feita de hipocrisia e sorrateira para inglês ver. É o inglês no caso é um brasileiro que é o trouxe do Claudionor, a vítima inocente das duas aranhas coranguejeiras que o envolvem na sua teia. Palavra de honra que eu tenho pena daquele rapaz.

Lolita - Não tenha tanto, titio. Ele talvez mereça o destino que o aguarda.

Solano - Como?!... O que é que tú queres dizer com isto?!

Lolita - Apenas o que disse, titio. Que ele talvez mereça um castigo.

Solano - Mas porque disse isso? Deves ter um

Lolita - Não, não... disse por dizer.

Solano - Olhe, minha filha, eu sou velho mas não sou burro. Sou distraído, é verdade, e custo muito a me aperceber das coisas, mas depois que observo o jogo... ninguém mais me tapela. Vamos, conta-me o que há contigo e o Claudionor.

Lolita - Não há nada, titio, já lhe disse.

Solano - Tú não sabes mentir. Por que me ocultas a verdade? Não tens confiança em mim? Não crês que eu seja teu amigo? Sou e muito, Lolita. O que acontece é que sou um covarde e deixo que minha filha e minha filha julguem contigo, mas a verdade é que sofro e muito quando elas te fazem qualquer coisa.

Lolita - (desata a chorar, nublada nas mansuetas).

Solano - Vamos, vamos, eu não quero que chores. As tuas lágrimas tornam pior ainda o meu remorso de não ter sabido defender-te como deveria. Sim,

- porque eu te tornei, pequenina dos braços de minha irmã agonizante e prometi a ela que te daria todo o meu amparo e todo o meu carinho. E onde está esse amparo e esse carinho que prometi à pobre moribunda?
- Lolita - (chorosa) Em tudo que tenho e que devo ao senhor, titio. O senhor foi sempre tão bom para mim.
- Solano - Não tanto quanto deveria ter sido e quanto merecias que eu fôsse.
- Lolita - Não diga isso, por Deus.
- Solano - Digo, sim. Não sou a metade do que deveria ser e tudo pela minha maldita covardia. Mas enfim... pode ser que um dia eu me liberte dela.
- Lolita - Basta que o senhor me permita sempre ter e eu já estarei feliz e contenta.
- Solano - Sobre isto não tenho nenhuma dúvida. Mas deixemos isso de parte e volte para o início da nossa conversa que não ficou esclarecida. Quere saber as coisas de Claudionor. Sinto que houve qualquer coisa entre vocês e desejo que me contes tudo.
- Lolita - Eu não desejava tocar nesse assunto, titio.
- Solano - Mas eu sou teimoso, tú sabes e enquanto não me disseres toda a verdade, eu ficarei sempre a bater na mesma tecla. Água mole em pedra dura... tanto bate até que fura.
- Lolita - (depois de pausa) Pois bem, titio... já que o senhor insiste...
- Solano - Insisto, sim. Já te disse que faço questão cerrada de saber de tudo. Talvez não adiante nada, mas assim mesmo eu faço.
- Lolita - Pois bem... o que houve, titio, foi o seguinte: quando Claudionor se aproximou da nossa casa, era a mim que ele namorava. Titia ao saber do fato fez uma tal oposição e me prendeu de tal forma em casa que eu nunca mais tive oportunidade de me avistar com ele.
- Solano - Bandida da Altamira!
- Lolita - Uma tarde em que ele rondava a nossa casa com desespero, titia fez com que Laurita fôsse falar com ele. Ela foi. O que lhe disse de mim, até hoje não sei. Sei, apenas, que daquele dia em diante, eles passaram a sair juntos todas as tardes até que chegou o momento em que ele se pediu em casamento.
- Solano - Que infâmia, meu Deus! Que perversidade!
- Lolita - Perversidade, sim, titio, porque a Laurita não ama Claudionor e sabe que não o ama apesar de tudo.
- OPERADOR - RAJADA MUSICAL, EM CIMA, SEM CONTAR.
- Solano - (surpresa) Tú... tú o amas, minha filha?!
- Lolita - Com desespero, titio. Venho feito tudo para reagir contra esse sentimento que tem para mim o gosto de um vacado, uma vez que ela é a noiva de minha prima, mas todos os meus esforços têm sido inúteis. Tem a vez que o vejo de braço com Laurita, sinto como que se um punhal agudo se cravasse no meu peito e me ferisse de morte o coração. E a ferida fica a gotejar e eu a sofrer. É a luta incessante que tenho sido obrigada a sustentar para sopitar a revolta que sinto contra Laurita. Essa revolta imensa... gigantesca... profunda! Sim, porque ela não o ama, titio. Não o ama mas vai se casar com ele. É o esforço que sou obrigada

da a fazer para afastar de mim a ideia de que ela vai fazer isso aqui
mas pelo prazer de desfazer o meu sonho! (Chorando) Oh titio, titio!...
Se o senhor soubesse o quanto eu tenho chorado por causa disto!... Quan-
to eu tenho chorado!... As lágrimas amargas que tenho vertido em silen-
cio na solidão do meu quarto triste... são lágrimas que ele nem as mere-
ce!...

Solano - Quem sabe, minha querida? Quem sabe?! Podemos lá saber as artimanhas
de que se terá utilizado Altamira para convencê-lo a desistir de você?
As coisas que terá dito seu respeito? Você nunca mais falou com ele
a sós?

Lolita - Nunca mais, titio. Quando eu três vezes tive ímpetos de fazê-lo, mas
me pareceu um erro tão grande que fiquei a tremer e não lhe disse
se nada. Retirei-me ao banheiro, contendo a custo as soluços que me en-
cudiam o corpo e a alma.

Solano - Pobre da minha Lolita! Tão desamparada! A única pessoa que poderia fa-
zer alguma coisa por ela é um covarde tão grande que se escolhe e retrai
aos lampejos de uns olhos duros e cinzentos! Mas há tempo, ainda de re-
parar o mal imenso que a minha covardia tem te causado, minha querida.
Com a minha distração e a minha displicência, não havia notado ainda o
sofrimento que a minha falta de energia estava ocasionando na tua vida,
mas despertei ainda em tempo e te prometo, pela memória de tua mãe, que
hei de fazer alguma coisa para te salvar.

Lolita - Não, titio, não. Eu não quero que o senhor se indisponha com titia por
minha causa.

Solano - Já te disse que quero salvar-te e te salvarei.

Lolita - Diga-me, ao menos, o que pretende fazer, titio.

Solano - Não sei, minha querida. Confesso-te que não sei, mas de uma coisa posso
estar certo diante do inevitável os covardes, às vezes, crescem e se-
torizam gigantes!

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO TERCEIRO ATO. RUIDO DE FÁBRICA EM FUNDO.

Claudionor - Recebi seu recado para vir procurar-me no escritório da fábrica e me
surpreendi, principalmente, com a recusa expressa de não dizer nada
à sua esposa nem à sua filha.

Solano - Sim, sim, eu recomendei muito ao rapaz que levou o meu chamado que você
guardasse absoluto segredo sobre ele. Mas sente-se, por favor. Temos
muito que conversar.

Claudionor - Pois não.

CONTRA RUGA - MOVIMENTO DE CADEIRA.

Solano - Você está com o seu casamento marcado para...

Claudionor - (Pausa breve) Para Janeiro, seu Solano.

Solano - Daqui a três meses, portanto.

Claudionor - Exatamente.

Solano - Muito bem. A minha mulher tinha me pedido, ou melhor, tinha exigido -
sim, porque ela não pede, ordena - que eu lhe puxasse como chefe de...

critério aqui na fábrica, logo que você regressasse da viagem de lua de mel que nós lhe ofereceríamos como presente de casamento.

Claudionor - Sim, sim... ela me falou sobre isso.

Solano - Pois é. Aconteceu, entretanto, que as coisas aqui pela fábrica, em vez de progredirem, como se esperava, deram para trás de uma forma tal, que eu estou vendo as coisas muito mal paradas e já não tenho coragem de lhe tirar do seu emprego, onde você afinal não ganha mal, para vir enfrentar uma situação que nós não sabemos, no frigar dos ovos, em que ficará. Não sabe que mais, meu amigo? Eu vou botar de parte os preambulos e lhe falar com toda a franqueza, como de pai para filho.

Claudionor - Claro, eu sei disso. Não vejo razão para que existam contrangimentos entre nós.

Solano - Pois bem, meu amigo, a verdade é a seguinte: eu estou quebrado.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, EM BG SEM CORTAR.

Claudionor - (choque) O quê?!

Solano - É isso, sim, não se espante. A verdade é essa. Estou quebrado. Falido. Fracassado. Tenho feito das tripas coração para manter as aparências, mas infelizmente isso não poderá durar muito mais tempo.

Claudionor - Mas como é possível isto, seu Solano? Um homem que todos diziam possuir uma fortuna tão grande e tão sólida...

Solano - Pois é para você ver. Como aconteceu isso não sei, mas a verdade é que, desgrazadamente, aconteceu. Devo tudo, meu amigo. As máquinas da fábrica, o prédio, a casa onde moro, os vestidos da minha mulher e da minha filha, devo até a própria roupa que visto. E a verdade é que agora já não posso mais entreter os meus credores com promessas. Eles querem dinheiro no duro e dinheiro no duro eu não tenho. Digo-lhe mais: não lhe posso dar nem mesmo a viagem de lua de mel que lhe havíamos prometido. Que lhe havíamos, não, que a minha mulher havia lhe prometido.

Claudionor - Bem, mas... por isso o senhor não se preocupa, seu Solano. Isso não tem nenhuma importância para mim.

Solano - É mesmo que tivesse não teria nenhuma importância para mim. Mas a verdade é que eu não lhe posso dar mais a viagem.

Claudionor - E quanto à situação aqui na fábrica, vamos esperar mais um pouco. Não há necessidade que eu venha para cá logo ao dia seguinte do casamento. Podemos aguardar para ver como ficam as coisas.

Solano - Era justamente o que eu desejava combinar com você, além de lhe dizer, com toda a lealdade, a verdadeira situação em que me encontro, para que você ficasse sabendo, antes de se casar, que não poderia contar consigo para coisas alguma.

Claudionor - Por mim o senhor não se aflija nem se preocupe porque eu tratarei de me arranjar como tenho me arranjado até aqui.

Solano - Pois muito bem, então estamos entendidos e eu folgo em ver que você não se desespera.

Claudionor - Ora essa! Naturalmente que me preocupo com a sua situação pelo

senhor, é claro, mas por não afixar-se que o fato não tem a menor importância. (P.T.) Dona Altamira e Laurita já sabem do que está a acontecendo?

Solano - Ainda não lhes disse nada, mas penso que hoje ou amanhã serei obrigado a fazê-lo. Tenho muita pena de lhes dar tamanho desgosto, mas não há outro remédio.

Claudionor - Elas não de se conformar com a situação. São muito compreensivas e além disto lhe querem muito.

Solano - (cético) É... vamos ver...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Laurita - (entre tristes e cansada) E agora, mãe? Que faremos, diante de uma desgraça assim?!

Altamira - (firme e agressiva) Não sei o que faremos.

Laurita - Pois então diga-me se eu sou completamente desafortunada.

Altamira - Desmancharás o casamento com Claudionor, que é um pingado, que conta com o dinheiro do fracassado do teu pai, e aceitarás o doutor Reimão que te adora e tem dinheiro para botar fora.

Laurita - (enjoada) Mas ele é tão mais velho do que eu e tão esquecido, mãe!

Altamira - É o que tens isso? Mais ressaltará a tua beleza e a tua elegância quando apareceres pelo braço dele. E depois - lembra-te - ele te promete uma viagem de núpcias a Paris, levando-me, também, para que não te esqueças de mim. Queres coisa melhor do que isso? Eu nem sei como não cogitamos antes de desistir do Claudionor e aceitar a proposta dele.

Laurita - Bem, é que não havíamos pensado na possibilidade que agora nos assalta de nos vermos a braços com a miséria.

Altamira - (horror) Cruzes, minha filha! Nem pronuncies essa palavra que me dá um "frisson". (Pausa e tom) É. É o que tens que fazer sem a menor demora. Vai agora mesmo telefonar para esse fantasma que é o teu noivo e desfaz o compromisso que tens com ele.

Laurita - Sim, mãe.

Altamira - E em seguida já telefona para o doutor Reimão, combinando de irmo-juntos, esta noite, a um cinema que eu vou indicar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Claudionor - Então é certo que ela se recusa a comprometer-se pessoalmente comigo?

Lolita - Sim, Claudionor e você pode crer que fiz tudo para que ela atenderesse à sua solicitação.

Claudionor - (digno) Está bem, eu não insisto. Lamento profundamente, mas não me resta outra coisa a fazer senão tentar de esquecê-la.

Lolita - É apesar do que você me fez sofrer e da decepção que me causou, serei dita que também lamento - e muito - a que você está experimentando agora, Claudionor.

Claudionor - Apesar do que eu lhe fiz sofrer, você disse? Mas como? Si eu não fiz mais do que atender o pedido que você mandou me fazer por intermédio de sua filha...

Lolita - Pedido? Eu? Mas eu nunca lhe mandei pedir coisa alguma?!

Claudionor - Pois então saiba que sua prima, logo nos primeiros dias do nosso namoro, veio me procurar para me dizer que você mandava pedir que eu me afastasse definitivamente de você para não perturbar o curso da sua vida. Como eu não percebesse a razão daquele pedido, ela me explicou que você era uma moça pobre e que estava quase noiva de um rapaz muito rico que em breve lhe asseguraria uma posição definida no mundo social e financeiro da cidade. Considerei a situação e não tive dúvidas em me afastar logo e definitivamente do seu caminho. Foi quando comecei o namoro com sua prima.

Lolita - Que baixeza, meu Deus! Que infâmia!... Como é possível que pudessem inventar uma coisa dessas, se nem namorado eu tinha?

Claudionor - E saiba que eu lhe fiz sofrer, também sofri muito por sua causa e foi mais por amor do que por qualquer outro sentimento que procurei namorar a sua prima depois... naturalmente... com a convicção de que acabei me afeiçoando a ela; mas no princípio, juro-lhe, foi puramente o despeito que me levou ao encontro de sua prima.

Lolita - Pois bem, agora que já sabe que nada disso era verdadeiro, vá embora e trate de esquecer Laurita. Si algum dia chegar a conseguir esse intento.

Claudionor - (depois de pausa) Que faço?

Lolita - Se outro, mais feliz, não lograr apoderar-se do seu coração, procure-se na certeza de que eu nunca o trocarei pela maior fortuna que possa aparecer no meu caminho.

Claudionor. - (emoção) Lolita!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Laurita - Vamos viajar de avião!

Altamira - Passar a lua de mel em Paris!

Laurita - Comprar modelos nos costureiros mais requintados da Rue de la Paix.

Altamira - Fixar residência, depois, no Rio de Janeiro!

Laurita - Edificar um palacete na Avenida Atlântica!

Altamira - Vamos ter um automóvel só para nós!

Laurita - Com chofer e tudo!

Altamira - E chofer fardado!

Laurita - Espregadas à vontade na minha casa!

Altamira - E todas de uniforme!

Laurita - Manicureira que irá fazer as minhas unhas de dois em dois dias!

Altamira - E cabeleireiro que também irá à nossa casa para nos cortar os cabelos de dois em dois dias. (TOM) Que me dá a isso, hein seu paspalhão?

Solano - (sem displicência) Que em muito pouco tempo vocês estarão sem cabelos.

Altamira - (fera) Foi só o que você achou para dizer, "gracinha?"

Laurita - Deixa, mãe, não liga. Ele está despeitado porque vai ficar aqui no miserê enquanto nós vamos ter um estalão que poucos conseguem ter.

Altamira - É que ele nunca teve e nunca nos quis dar porque era um velho sovina e devasso que todo o dinheiro era pouco para gastar nas suas farras à noite. Sim, porque ninguém me convence dessa cantilena de "maus negócios". Ele gastou foi com as especulativas que lhe sugeram até o último niquel e agora estão rindo para dele. E eu agora que

fique aqui a usar vestidos de chita e a fazer toda a vida da casa? Não mesmo. Era só o que faltava! Elas que venham fazer. A filha da minha mãe, nunca! Vou embora, nunca mais volto aqui e elas que façam muito bom proveito de você. Foram elas que lhe comeram a carne; não foi? Pois então que lhe roam os ossos. (TOM) Pronto, minha filha, agora podemos ir. Já lhe disse tudo que tinha vontade de dizer.

Laurita - Vamos, sim, mãe. Vamos que o meu maridinho já deve estar aflito com a nossa demora.

CONTRA REGRA - PASSOS DAS DUAS PORTAS QUE SE AFASTAM.

Lolita - (sincera, depois que os passos se afastam bem) Pobre do velho! Como vai sofrer nas suas velhices! Tenho uma pena delei...

Folano - Eu também. (TOM) Bem, minha filha, e agora que viramos a última página do primeiro volume dessa enorme tragédia, tratemos de escrever o segundo que, si Deus quiser, há de ser de paz e de tranquilidade!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA. PASSOS DE MOÇA. PORTA QUE SE ABRE.

Lolita - (surpresa feliz) Claudionor!... Há quanto tempo!... Cheguei a pensar que você estivesse fora daqui!

Claudionor - E estive, realmente. Passei dois meses na fazenda de um amigo, no interior, cheguei ontem e não resisti ao desejo de vê-la.

Lolita - Soube que... que Laurita casou?

Claudionor - Não falemos mais dela, Lolita. Aquas passadas não nover moínhos.

Lolita - Conseguiu... esquecê-la?

Claudionor - Que prova melhor você quer? Não estou aqui?

Lolita - Mas entre, por favor. Eu fiquei tão aturdida com a surpresa que você me causou que lhe deixei na porta da rua e nem sequer lhe ofereci entrada. (ri)

CONTRA REGRA - PORTA QUE FECHA. PASSOS DOS DOIS POR ALGUM LUGAR.

Claudionor - Seu tio como está?

Lolita - Muito bem, felizmente. Creio que não se desmoronou. Mas sente-se, por favor.

Claudionor - Obrigado. Você está com bom aspecto, parece, até, que engordou um pouquinho.

Lolita - Engordei, realmente. Desde que titia e Laurita se foram... a vida se modificou bastante aqui em casa. Há paz e tranquilidade que antes não havia.

Claudionor - E a paz é realmente um grande bem, Lolita. Por ela é que devemos lutar sempre. Por mais nada. Mas agora, lá na fazenda onde estive, na quietude do campo, foi que consegui compreender a mensagem de Deus e chegar a esta conclusão. Considerando o que me acontecera, a desilusão que tivera e o erro que cometera dando o meu coração a quem não o merecia, foi que cheguei à conclusão de que não deveria estar triste e deixar-me abater pelo sofrimento, pois que a sorte ainda chegara ao tempo de impedir que eu praticasse a loucura de me casar com uma

17
lher que não me amava e que não merecia a meu amor. E foi pensando assim todas as vezes que a sua lembrança me assaltava que consegui, em poucos dias, afastar completamente do meu coração a lembrança de Laurita. Mas o coração não deixava ficar só e buscava logo outra lembrança que pudesse ocupar o lugar daquela que ele expulsava. E a outra... era você, Lolita. E tantas vezes busquei a sua lembrança para não permitir que Laurita voltasse que acabei escravizado à sua imagem e sem mais poder afastá-la do meu coração.

Lolita - (enlevada) Claudionor!

Claudionor - Hoje estou aqui para lhe pedir perdão do mal que lhe possa ter causado e para lhe agradecer o bem que você me fez com aquela revelação inesperada que me salvou a vida. Foi naquele momento de aflição em que eu me via repudiado pela pessoa que acreditava amar. A sua revelação foi como a corda que se estirava ao máximo, no momento em que se exortaram totalmente as suas energias e ele vai ser tragado pela fúria das águas.

OPERADOR - PORTA APASTADA QUE SE ABRE E SE FECHA PASSOS DE HOMEM QUE SE APROX.

Lolita - Titio deve estar chegando e vai ter, também, uma grande surpresa com a sua visita.

Solano - (chegando) Boa tarde, mi... (TOM) Olá!... Que foi que houve com você, rapaz?

Claudionor - Vim lhe fazer uma visita, seu Solano.

Solano - Uma visita? (galato) Para mim, mesmo? Deixa de grupo e diz logo a verdade, rapaz. A visita é para a Lolita e não para mim. A trôco de que, um nego como você há de vir numa casa onde há um velho e uma noça e lá de vir visitar o velho?

Claudionor - Pois enganasse, seu Solano. A visita era realmente para o senhor. Era não, é.

Solano - Mas eu não acredito, aí é que está. Eu sou velho mas não sou trouxa.

Claudionor - Pois eu lhe asseguro que é. E vim visitá-lo seu Solano para quê? Para lhe fazer um pedido.

Solano - Muito bem, meu rapaz, muito bem. Concorde com a mão da Lolita, sim, como não? Casem-se e sejam muito felizes.

Lolita - (passa) Mas titio, que é isto?!...

Solano - Isto o que, menina? Não era isto que eu lhe vim pedir, rapaz?

Claudionor - (rindo) Era, sim senhor.

Solano - Pois então. Está aí, está tudo certo. Que outra coisa mais ela haveria de querer pedir-me? Está pronto, estão noivos. Abracem-se e beijem-se enquanto eu olho esta revista.

CONTRA REGRA - RUIDO DE POLHEAR UMA REVISTA EXAGERADAMENTE.

Solano - (Passando para 2º plano) Tem umas coisas tão bonitas aqui! Tão bonitas!

Claudionor - Lolita!... (Pausa) Estás contente, minha querida?

Lolita - Feliz, meu amor! Muito feliz!...

Solano - (2º plano) Como é? Já posso olhar?

Lolita - (rindo) Óra, titio! Por que toda este comédia, si o senhor estava se passando por trás da revista que eu estava lendo? (RIEM OS TRÊS)

Solano - (depois de pausa) Esp, vamos a saber de umas coisas: quando você vai voltar para o seu bairro?

Lolita - (escandalizada) Titio!

Solano - Ué! Titito por que? É claro que eu preciso saber, óra essa.

Claudionor - E eu lhe respondo agora mesmo, seu Solano: dentro de tres meses, no máximo, estremos casados.

Solano - Pois muito bem, vocês vão fazer tambem uma viagem de núpcias a Paris e na volta você vai deixar o seu emprego e assumir a direcção geral da minha fábrica. Entendeu bem? É o presente de casamento que eu ofereço aos dois.

Claudionor - Mas... assumir a direcção da sua fabrica como? E a quale negocio que o senhor me falou?

Solano - Que negocio?

Claudionor - A situação... Quer dizer então que... que tudo melhorou?

Solano - Por que melhorou? A situação sempre foi ótima, graças ao bom Deus!

Claudionor - Mas e aquela historia de hipotecas e de dividas que o senhor me contou?

Solano - Óra, aquela historia! Aquela historia foi um truque de que eu me utilizei, com a ideia de afastá-lo de minha filha, pensando que você ia casar com ela pelo meu dinheiro, entende?

Claudionor - O senhor pensou isto de mim?

Solano - Olha, velhinho, pensei. Desculpa mas eu pensei. Errei na minha desconfiança, mas nunca esperei tão bons resultados como os que obtive com aquela bandida mentira. Minha filha se afastou de você, deixando o caminho aberto para Lolita que o amava verdadeiramente. Além disto... a preta da minha mulher já está em Paris e Deus permita que ela nunca mais se lembre de voltar para o meu lado. Digan agora: foi ou não foi um grande golpe?

Claudionor - Um golpe de mestre, sim senhor.

Solano - E você, Lolita, lembra-se quando uma vez lhe propuzi fazer qualquer coisa pela sua felicidade?

Lolita - Lembro-me, sim, titio.

Solano - Que me diz agora do que eu fiz?

Lolita - Um trabalho maravilhoso! E graças a você, titio, eu hoje posso dizer, com a alma inundada de ventura e alegria: A vida... premiou meu coração!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FONÉTICA PARA ENCERRAR

DISTRIBUIÇÃO:

Solano.....	Ivan Castro
Altsaire.....	Claudia Martins
Laurita.....	Rosamaria Amaro
Claudionor.....	Wilson Fragoso
Lolita.....	Zaira Acouan

10 Copias